

SELÓ

PAGINA DOS NOVISSIMOS — N.º 1

Organizadores: Rolando Vera-Cruz Martins, Jorge Miranda Alfonso e Osvaldo Osório

REFLEXÕES

Que móveis lograram o aparecimento duma literatura regional caboverdeana? Não se formula a pergunta sem deixar de nos vir à mente a resposta implícita em asserção (aliás marco de partida do grupo claridoso) do doutor Baltazar Lopes da Silva e numa transcrição que fazemos do comentário do dr. António Aurélio à Antologia da Ficção Caboverdeana Contemporânea: Não refutando em absoluto a influência fisionomista nordestina na nossa literatura regional "outras determinantes mais poderosas e de raízes...mais fundas" teriam intervindo; "a convicção de uma originalidade regional caboverdeana, a necessidade de protestar e dar alarme perante uma crise económica causada pela estaglia, pelo abandono do porto de S. Vicente, pela sufocação proveniente do encerramento da emigração para a América do Norte". Portanto, consciencialização de fenómenos sociais reflectidos numa élite protagonista (os claridosos) visando problemas do homem «aqui», tendo como órgão reflector daquela consciencialização a revista "Claridade", de cujo exemplo partilham movimentos similares.

Adstritos ao facto social e havendo um carácter repetitivo pela gerência dum complexo histórico-social actuando na psicologia dum grupo e, mau grado o carácter cíclico de que se revestem impõe-se de se deixar notar concomitantemente com uma forma nova, um conteúdo quase paradoxalmente renovado para o observador pouco arguto (por um complexo relacional ou enriquecimento gradual da estrutura social), nada indica especificamente que, quaisquer movimentos subsequentes exibissem sigla claridosa, embora o liame social, os factos sejam os mesmos. Porém, filtrados por mentalidades em épocas diferentes.

É facto que, em nenhum dos dois movimentos literários posteriores à Claridade — Certeza, Suplemento Cultural, há divórcio ideológico nem franca oposição à geração anterior: as estruturas, sociais das ilhas continuam sendo praticamente as mesmas; e a "Seló," página dos novíssimos, hoje inserida no "Notícias de Cabo Verde" continuará a esforçar problemas e vivências do espírito "equil" e no tempo à que este se concerne — quase condicionada, na sua expressão, pelos problemas cíclicos do homem caboverdeano.

De modo que não vemos claramente uma transição global de idéias até aqui.

OSVALDO OSÓRIO

A D V E N T O

O som cristalino da trombeta messiânica
sulcou ares de trevas, galgou montanhas sufocadas
desceu vales de pô, sibilou por fendas nocturnas
retumbou em corredores marmóreos
espalhou-se no embate das ondas

(Na praia penumbrada de areia dolorosa, descerão em halos de luz
de nebulosa infinita, as mãos cheias de dâdivas
o olhar a magnetizar passos de tombos à conquista da Aventura profetizada,

Sua face espelhará a suavidade de horizontes astrais
seu corpo será feito de retalhos de alegria, para todos trará um quinhão
com todos percorrerá caminhos que os homens vetaram)

Paixões se amontoaram na praia longa. Na areia chisparam punhais e abraços.
A Esperança desfiorou-se do Tempo. Todos aguardaram a Hora Grande.

Lá nas profundas cogitações na gruta secular da montanha
o asceta sorriu duma alegria que criava estrelas.
Suas sandálias mergulharam no pó das caravanas impacientes.
Seu bordão floriu na areia escolhida e também olhou com a multidão.

(Na hora crepuscular uma estrela cortaria o alumbramento dos céus
hosanas e naldições, blasfêmias e orações negariam o silêncio
Coros incorpóreos seriam o eco do anúncio da Hora)

Todas as cabeças se alçaram crentes aos céus.
Punhais e ramos de coqueiro, dâdivas de cada um, esconderam os ratos ultimos.
Mãos tremeram na Mea Culpa. A Esperança deu o braço ao Desespero.

Mas só o sulco do asceta correu paralelo à estrela que só ele admirou.

Suas mãos intemporais abençoaram de leve a carapinha aureolada.
Lâminas clararam regos na tenrura da carne.
Seus olhos teceram mantos sobre a criança lhefável.

Uma prece decorada em dias de séculos fez solo no círculo celeste.

Para além do asceta a bruma cristalizava sombras melancólicas.

ROLANDO VERA - CRUZ MARTINS

FOME

Gargalhadas de escárneo
Rasgado
Até as comissuras dos lábios
Máscaras irônicas
Mascarando dores
Sorrisos de hipocrisia
Desfazendo em blocos
Caras mutatas
Escondendo a fome
Torvos oiliara de
Piedade
Encubindo a triça
Encobrindo também
A Indiferença
De almas esmagadas
Na proctosila feminina
Pelos ilhas
Em solidão...

E a fome a desfazer-se
Em sorrisos de hipocrisia...
E a fome a desfazer-se
Em irônicas gargalhadas...

Crianças magras
Subrecarradas
Cuiu o peso frívilo
De enormes barigas
Iuchadas
Explorando
Anomaliadas da natureza
Nunca esfôrço vão
De apaziguar
O animal horrendo
Crescendo-lhes
Por dentro
A voltar
A revoltar
A espernear
Boca escancarada
Língua pendente...

Crianças doentes
Abandonando
Imundas palhotas
Abandonando lágrimas
Gritos
Pedidos roucos
Para roubar
Pelos sombras da noite
Restos desprezados
De tocas refeições...

E a fome a estrangular...
E a fome a esparnear...
Boca escancarada
Língua pendente...

Mulheres bastidas
E rebatidas
Passeiam
Seus corpos usados
Pela calçada suja
Das ruas
Ruas servindo de leito
À noite
Quando as sombras
Ia desceram sobre o mundo...
Mulheres condenadas
Esfomeadas
Porfando
Perdidas sensualidades
Entre o cimento frio
E os corpos asquerosos
De vagabundos sifilíticos...

E a moeda
A tilintar...
E a fome a escoucar...

Bebidos
Desvalados
Pela febre
Da malha um copo

Olhos aquosos perdidos
Num mar de "grogue"
Narinhas farcendo
Realidades
Dos sonhos
Das noites de orgia
Violão, espancado
Rouco
A tiracolo
Seguem
Qual bandoleiros
Ao assalto dos botequins...

E a fome a gotejar...
E a lome a escorrer...
Pelos gargalos quebrados
De garrafas fedorentas

Mário Fonseca

CARTA

Para Orvaldo Odório

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

En quanto abraçares a loiça estonada
confessa-lhe baixinho:

As nossas irmãs são mais belas
porque cada traço d'os seus
corpos
foi arrancado à praia
das ondas que levaram os seus
amores

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

Toma o teu violão
e canta a doce melodia de amor ou
desespero
apreendida em noites de luar
e nas rocas distantes....

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra,

Grita bem alto
(para que todo o mundo te olhe)
que soterrados entre promessas e
ilusões
os teus irmãos continuam a sofrer
o drama das esperanças
o drama da ânsia de viver
consumindo as suas entranhas.

Emigrante
Meu amigo distante
Meu irmão ausente
pelo menos tu que conseguiste
quebrar
as grades invisíveis da nossa prisão
não te deixes amedrontar pela
realidade
do esboço de vida nas ilhas.

Emigrante
se te perguntarem por que partiste
não negues o destino da tua terra.

JORGE MIRANDA ALFAMA

RENOVAÇÃO DUMA PROMESSA DE ROSAS

Para Diack

Dava-te rosas
se Janeiro concebesse milagres.
Portém, versos-semente
têm o espinho de
não serem já rosas...
... Eu me semei na argila
num sangue e tempo para florir.

Então terás rosas
muitas rosas
rosas contra-calendário
para a concha do teu regaço.
E tu verás a amada
Sim, verás rosas em Janeiro!

FERNANDA NO BAILE E EU

O riso de Fernanda é sarcástico na música e extingue-se no fundo do copo. Fernanda dança, dança sempre. Meu requiem. Fernanda é a garrafa e o seu par não sou eu. Nem o copo. A janelas deixá passar a meia-noite. E ela dança e as contorções do seu olhar confundem a música, a meia-noite no meu peito e o retirar do copo. A garrafa talvez não tenha fundo e mergulharel no Infinito. Mas Fernanda não comprehende. E dança. Estou exausto, mas não Fernanda. Nem o copo. A geadas mergulha e forma ondas no copo. Ah! Se Fernanda se afogasse. Se se esfumasse na dança eu não espreitaria de gotas pelas frinhas das persianas. Persianas ou grades. Não. Persiana e genda. Sem Fernanda. Com Fernanda ao longe e música apertada nos seus braços de espuma. Espuma fervente de náuseas a transbordar no copo. Fernanda dança sem parar, ora verticalmente, ora horizontalmente. Inferno, nem sei bem. O copo está longe da garrafa. Fernanda parece tudo. Música garrafa, copo... Não. Nem copo, nem eu. Fernanda dança na Lua e a Lua dança na garrafa sem lhe tocar. Só eu não tenho par. O copo não sabe dançar. Aliás o copo é Oldgard. Fernanda não comprehende e dança com o copo, a garrafa, a Lua, Oldgard. Menos comigo. A morsa não aquece minha geadas. Mas aquece Fernanda. Ela entra mesmo com a janela fechada. Se aconchegasse o copo e enxecasse Fernanda, genda, Oldgard e dançasse no infinito. Solitário. O infinito está no fundo da garrafa. E Fernanda não para. Vou agarra-la. Está quase. Por pouco. Impossível. Fernanda não está no chão a eu esrou. Sues saias brancas recém-me pela cara em alugos de gato. Gata. Descobri. É uma gata e seus olhos fusilam na madrugada. Vou agarra-la, tirar-lhe as garas macias, como se esfolhassem malmequeres. Quem põe o cinzelro no caminho para Fernanda? Fernanda é uma gata e a clina apagou seus olhos na madrugada. Madrugada ou noite? Sem Fernanda. Que chora convulsivamente. Sangue. Sangue no cinzelro, na minha mão a sair em vegalhões do copo. Meu Deus. O copo assassinou Fernanda. Fernanda, meu amor. Mas porque não param essa música naufragando? Não vem que elas morrem? Ontem ou amanhã. Hoje não, não quero que seja hoje. Vou vingá-la. Vou matar Oldgard. Mas... é Fernanda. Não morreu, não comprehende e dança com Oldgard. Mata-las a todos. Vingança. Contra a geadas, Fernanda, Oldgard, o copo e eu. Todos dentro da garrafa. Só eu não tenho par. E não sabem que estou tão perto a arquitetar festa. E estão enlaçados no fundo da garrafa. Elei! Aqui estão todos os pares. Tão unidinhos. Na garrafa. A garrafa na minha mão. O meu par é a garrafa. Vou esmagá-las a todas. Duma vez. A geadas, Oldgard, Fernanda Fernanda... e Eu.

... O Sol arrancava chispas dos cacos da garrafa.
Meu crâneo estalava na canícula.

ROLANDO MARTINS

NO FIM DA JORNADA

Sim, camarada da minha rua
tremos de mãos dadas
a de passos confiantes
para o ponto do Universo
onde mal chegam os teus sonhos.

Pelo caminho
o Sol brilhará com mais intensidade
cantarás com crianças rejuvenescidas
que já não temem o lobisomem
que vinha à meia-noite chupar-lhes
o sangue
e iluminar-te-ás de azul
porque a vida te parecerá mais bela.

No fim da jornada
quando já acreditarmos em Deus
por vermos realizados as suas vãs
promessas
serão passados três mil...
... talvez quatro mil anos
e estaremos de novo no ponto da
partida
das nossas dez ilhas.

Jorge Miranda Alfama

QUILHAS E DORSOS

Timoneiro
timoneiro
cada escaler
Impulso dorso...

Timoneiro
timoneiro
arlam dorso quilha
azula-espuma...

Vela nua
dorso nua!

Timoneiro
timoneiro
meta mar
meta mar...

Vela nua
dorso nua!

HOLANDA

Holanda!
Chegamos companheiros!
Chegamos com barcos guindados nos olhos e desejos de vencer

Chegamos intermináveis e actuais
à docas
belo aço carguelos e braços preciados
Chegamos numa dimensão nova
e pusemos todo o nosso esforço!

Foguelros
marinheiros
lubrificaremos máquinas
alimentaremos caldeiras
betumaremos conveses
poremos sólo nos amarlos.

No bas-fond dos portos do mundo.
Joias desconexas no espasmo novo.
Ritmica decompostura...!
Sensual olhar tropical
verde olhar felino
o espasmo quente esbatel

2

Nas docas, companheiros!
Barcos guindados nos olhos e desejo de vencer!
Chegamos intermináveis e actuais
à docas
belo aço carguelos e braços preciados
e pusemos todo o nosso esforço!

Pusemos esperança na nórdica revelada
a cada barco chegado...
... Os que partiram
na leva do Esso Nederland!...

Os que ficaram
acenando
cada barco rumo ao mar
(jovens aventureiros da promessa do mar)
a Esperança levou-os
foguelros
marinheiros...

Orvaldo Odório

SELÓ

PÁGINA DOS NOVISSIMOS — N.º 2

Organizadores: Rosalva Vera-Cruz Martins, Jorge Miranda Alfama e Orvaldo Odriro

O DESTINO DE EGIDIO

A cabeça escondava-lhe. Sentiu-se flutuando num mundo estranho. Deixou-se encorvar, até cair no banco próximo. E apeteceu-lhe abandonar-se ali, indefinidamente. Não inexer! Não falar à espera não sabia de quê? Por que esperava a vida inteira?

— Seu nome? Sobressaltou-se com a voz da dactilografa.

— Egídio L. Mas que importância podia ter o nome? Este ou outro qualquer, em nada o distinguiam. Ou estaria o nome ligado ao seu "destino". Este destino em que até há pouco acreditara. Aquele algo indelíbido que esperava desde que nascerá?

— Filha! Não, não ponha só o nome materno. Que interessava tudo aquilo? O Pai fora um qualquer que vivera e morrera esperando sempre, como ele Egídio...

— Idade? Quantos? E que significava o numero que dera à empregada? Tudo! Nada! E o tempo que passa por nós ou nós que passámos pelo tempo? Como conta-lo? Pelas ilusões que pondo para uma por uma? Qual o ponto de referência? A infância miserável? Emigrante? O tempo que andara na tropa? Os filhos por quem nada podia fazer além do que a mãe fizera por ele? Abandonar, um a esperança para agarrar depois uma vaga promessa, isso indefinidamente? Sentiu-se alguma vez realizado através dos filhos? Não! Para trás só via o vácuo!

— Estado?

— Solteiro! E Maria? Não dera significado algum à sua vida? Para quê pensar! O seu nome não figuraria ali no papel. Mas como identificar Egídio sem Maria? Papel manchado...

— Vencimento?

— Pouco? Mui... e o...? Avallá-lo em relação a quê e a quem? De certo pelo que poderia proporcionar a si, Maria e filhos. O vencimento era a fronteira que o afastava dos seus achados.

Neste momento sente-se sem forma e sem limites. Flutua e tudo se baralha. Iá não se identifica...

— Filhos? A voz impessoal arrestando-a de novo à realidade. Retomou as suas dimensões.

— Cinco.

— Não se sente bem? A voz ganhara um pouco de calor. Examina a empregada. Sentiu-se a sfundar desejando ardenteamente agarrar-se àquele olhar para não mais abandoná-lo. Chegara ao porto. Falar, desabafar... Mas o quê a para quê? Ele, decerto, também, sentia-se limitada num mundo pequenino, pequenino. Lutar? Luta não lhe dera nado, senão amargura. Continuou a boiar. Era mal repousante. Passara a idade das lutas...

Como que através de uma névoa percebeu que o matraquear da máquina cessara. Tomou a gula de consulta que a empregada lha estendia e foi tomar o seu lugar na longa balsa do guichê da secretaria do Hospital do Estado...

Maria Margarida Mascarenhas

O REGRESSO

Caminha áspero em que a sombra de Maninha se alonga a cada dia.

Vento duro vence o molo casaco e esmuga-lhe a carne aberta.

A ideia fixa-se e impõe. Sem obstáculos no deserto caminho que conduz ao berço salvador. O piso sobe muito alto e Maninha vacila na abismo.

Lá bem no fundo alveja a canção da ninar. Levada a longo tempo na manhã desnaturalizada. Agora renascerá mais forte, condição essencial para o ressurgimento de Maninha. As mãos tactelam o ar opaco e enchem ninhos de cartilhas ocultas. O calor sobe capilarmente no álcool Ingerido e aquece a noite. Aloja em ondas de ternura que transbordam do peito saturado e não encontram lugar na escuridão, que recusa e se fecha.

A concha do seu regaço revelar-se-á em flor. Para sempre. São tentáculos brancos a deslizarem do peito o grito inumano.

Quinze anos estérelos. Que não ocultam o dia que se alongou infinitamente no apito fantástico do barco. Repete-se mas diferente. A decisão inabalada do Sr. Nascimento não punhalhara mais o seu amor maternal.

Quinze anos estáticos. Nascidos na quietura rítmica dos corpos de Maninha e do Sr. Nascimento. Em que o gesto habitual não encontrou os cabelos revoltos do Joãozinho. Correu paralelo, imensamente para leste. Mas os olhos ambíguos do Sr. Nascimento não negavam mais a ternura de Maninha.

As pedras verguntam seus pés nus mas Joãozinho descobriu torneira de carinho no corpo apagado. E seu coração aguarda incólume o toque preconcebido para refletir.

Perpendicular o calho do concreto rasga a opacidade marítima. Mas mantém-se o calor de Maninha. Seu mundo maternal ornamenta-se no calho impetuoso. A multidão pisa, bate e blasfema impiedosamente cingem-na e num amplo víscoco. Mas os seus olhos pairam alto e purificados negam os vislumbres criminosos. Febre rebuçam, indiferentes ao picar das luvas acesas. Cada momento atira uma fagulha à chama de Maninha. Alimenta-se para a unção. Em quinze anos o dia. Que olvidará sem vestigios o outro.

Precipitadamente esbarra seus olhos em outros reveladoreamente azuis. Maninha argue-se, distende e abre-se em antevisões. Exulta. Seu berço armazena florido e sua canção de ninar terá o momento propício. Maninha materniza-se. O chão é leve sob seus pés que trilham suaves aninhos. Seus dedos fluem em ondas de carinho quando encostam Joãozinho. O Adeus não retornará.

Mas as palavras são brutais e os gestos inesperados abatem Maninha. Sob seu corpo prostrado o cimento gela. Seus olhos iluminam-se de incompreensão. Maninha desarvorar-se no calho burocrático.

Seu manto casaco é vela da tempestade que a empurra sem piedade. O berço de Maninha estátua no peito ofensivo.

Uma canção de ninar esmagava-se no sorriso escarninho do jovem de cabelos revoltos.

Rosalva Vera-Cruz Martins

CANTO FINAL

... Esse esgalgado marítimo calcinado corpo e âncora na quilha do falucho de olhá-lo se morre

(Eatinga de actualidade absurdamente preservada na arqueologia até vir...)

Esses reborralhos
essas espinhas verdes
esses barcos virados
essas redes rotas
esses cadáveres no praias
não testemunhos evidentes
de tribo essencialmente marítima...

Essas estrelas cúbicas de estrôncio
esses polvos embracejando no fulíntio
esses chocos podres ogivas brancas no areal
esse sêmen infecioso
em sexos lantejoulas
de adolescentes flores lagartos
na galeria de concreto
(desespero de eternidade...) de olhá-los se morre...

Orvaldo Odriro

POEMA

Mar! Mar!

Quem sentiu mar?

Não o mar azul
de caravelas ao longo
e marinheiros valentes

Não o mar de todos os ruídos
de ondas
que estalam na praia

Não o mar salgado
dos pâsos marinheiros
de conchas
areia
e algas do mar

Mar!

Raiva - angústia
de revolta contida

Mar!

Silêncio - espuma
de lábios sangrados
e dentes partidos

Mar!
do não-repartido
e do sonho afontado

Mar!

Quem sentiu mar?

O Louco

Feliz do louco

que traz gravado em cada face
o risco disforme da chibata.

E não queres conceber
que aquele vestido foi teu!

Agora esfarrapado
quem o há-de querer?

Como rodoplavas...

Como lutavam pelo teu sorriso...

De repente só restou
o fantasma dos teus anseios,
que se desfizeram lentamente,
enquanto mãos impuras
se apoderavam do teu corpo lânguido.

O louco é muito mais feliz

... E traz gravado em cada face
o risco disforme da chibata.

Armando Vieira

Jorge Miranda Alfama

OS ESTRANGEIROS

Lá vão eles! Vêde-os! Vêde-nos!
Como caminham solitários
Como caminhamos solitários e per-
[didos]

Estrangeiros na noite
E na vida
Eles lá vão
Cá vamos nós
Por terços caminhos
Por vias sinuosas
Por estradas de fel
Por veredas cruas
Rumo à noite mais profunda do
[nada]

Cá vai um
Sub-repticiamente
Pela noite sua de encontros e
[encantos viscerais]

Ali outro que persegue
A verdade idealizada
Do seu mundo subjetivo

Aqui outro que pára
Olha em volta
Bata ferrenamente à porta da tem
[lúpares]
E entra

Acelé um círculo sonho menor
É tão impossível
Começar o mar
Com as conchas das mãos

Além um outro
Ensaia
Em coroar - se
Com as luzes do firmamento

Para além da curva
Da esquina da Vida
Mais outro
Que ainda acredita
Poder dormir
E despertar na lomba do horizonte

Já perto do termo
Do caminho ingrime da Vida
Outro
Ziguezagueante e em direção à
[sargentos]
Olha a lua
Pragueja e cai prostrado em
[adoração]
A algum espectro interior

Lá vão eles! Vêde-os! Vêde-nos!
Como caminham solitários
Como caminhamos solitários e per-
[didos]

Ave de arribação
Centelhas isoladas
Perdidas na noite e na Vida
Segundo...
Rumo ao nada

Cá vou eu
Estrangeiro também
Escorado na certeza radicada do
[nada]
Na noite sem preceas
sem hinos
Eles lá vão cambaleantes
E eu vou com eles
Pelos caminhos
Do desespero e da angústia
Rumo à noite mais profunda do
[nada]

Estrangeiros na noite e na vida
Eles lá vão silenciosos
Cá vamos nós alienados
Indiferentes e desoprimidos
Rumo à noite mais profunda do
[nada]

Lá vão eles!
Cá vamos nós!
Estrangeiros na noite e na Vida.

MÁRIO FONSECA

O S E G R E D O

A mulher de Mário Tô-Bida morreu. Há quem asevera que deu à luz um monstrozinho e o desgosto matou-a. Não sei se esta afirmação é fidalgina, mas...

No quartil de terra batida, dois caixões sobrepostos chamavam a atenção do povo que aglomerara curiosa. Um homem cismava a embocada sobre si mesmo: "Mariâna morreu... Mariâna morreu..." Depois do enterro, os comadres chegavam para chorar Mariâna e consolar Mário. As condolências macaram Mário o padre não encorajara os corpos por não serem baptizados e, a conversa andou à volta deste facto.

Foram os condolentes saíndo e Mário ficou só, envolvido pelo escuro que enchia o quarto. Caminhou para o quintal e por momentos olhou para as bandas da Montanha, bem visível dali. A sua recordação negra do céu a silhueta angulosa do topo da Montanha. Mário acocorou-se perto do vulto esparramado no chão e rapidamente a Preta se levantou. Apoiou-lhe os tibias e sentiu-as cheias. Desprendeu-a e levou-a, contornando o lado sul da vila. Os agaves abriam-se como guarda-chuvas em riste sobre o tardio caminhante. Preta seguiu-o, mansamente, um pouco atrás.

No topo, Mário bebeu uns goles rijos de aguardente que anularam a sensação de frialdade que a altitude comunicava ao corpo. Enfiou-se por um desvão na rocha que se não notava muito pela aparente ausência de pedregulhos, afinal encobertos por uma espessa camada calcificada de guano. Rompeu a cortina branca, quebradiça, e percebeu: como nada apurasse acendeu a vela de purgueira cuja fraca luminosidade resgatou de dentro dum grande abrigo alada uma criança que dormia envolta em pelas. Mário olhou parado. Parado, sim; mas chorava.

Amarrou a cabrinha e secou os dedos, fortemente, até a mamilo: um grosso fio de leite perdendo-se... breve a espuma eructava borbulhante na caneca. Um vagido de criança rasgou o silêncio no nicho de pedra. A luz da vela as sombras eram horríveis no escuro da parede.

O regresso foi penoso.

Dekado na sua cesteira, Mário sentia o seu corpo a acabar-se dia a dia. Só naquelas alturas podia respirar com uma certa facilidade. Todos os dias aquela caminhada para o topo! Dekido cesta os carcos a partir numa tardinha, contornando o lado sul da vila. Nunca mais Mário voltou.

O desaparecimento misterioso de Mário que é homem da sua pinga e adoentado, faz pensar que talvez tenha caídoalgum berrance ou, vitimado por uma hemoptise e, inconsciente, morrerá por caminhos desertos.

Agora há dias, contaram-me que um pastor encontrou no topo da Montanha três esqueletos e quatro caveiras...

OSWALDO OSÓRIO

VIAGEM NA NOITE LONGA

Na noite longa
minha alma
chora sua fome de séculos

Meus olhos crescem
e choram famintos de eternidade
até serem duas estrelas
brilhantes
no céu imenso.

E o infinito se detém em mim:

Na noite longa
uma remota nostalgia
afunda minha alma
E eu choro marítimas lágrimas
Enquanto meu desejo heróico
de engulir os céus
se alarga
e é já céu.

Tenho entido
a sensação esparsamente longa
de vogar no absoluto.

MÁRIO FONSECA

POEMETO

A vida
É um grande balão vazio esperando
Um piloto abandonado que não responde...

A vida...
Estremecções de prisioneiro
Tentando libertar-se
Da condenação infame
De ferros milenários
É uma ânsia de sobrepueração
Da condição humana
Acorrentando o homem
Na noite da servidão...

A vida...
Oh outra vida que nunca mais brota
E que talvez não passa de uma ilusão estafada!
Estou enjado.
Vou andar...

Mário Fonseca

Buzinaram-me o corpo todo

Levo o navio repleto
Meninas perdidas
mulheres de cas
caixeiros
crianças
buxigaram-me
o corpo todo:
(oh, esse colá...)
e na terra vermelha
com bané de piloto
meninas perdidas
grogue
tambores
apitos
valjei navios
suarento e
sujo de vermelho
até à boca do meu apito

Me ornaram
com colares
de manganha
e de milho
Embedeiaram
a mezena

Ornaldo Ostria